

A IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA: UM OLHAR SOBRE A REALIDADE DA ALDEIA TIARAJU – ARAQUARI/SC

The indigenous cultural identity: a look at reality aldeia Tiaraju – Araquari/SC

Ana Claudia Santa Ana de Freitas¹

Maureen Bartz Szymczak¹

Resumo: O objetivo central desta pesquisa foi perceber a realidade da aldeia indígena Tiaraju tendo como foco o processo de construção da identidade cultural pelo qual passam os indígenas da região do município de Joinville, em Santa Catarina. Para tanto foi realizada uma visita à aldeia, onde, através do cacique local, foi possível conhecer aspectos de sua realidade. Através dos dados obtidos e do aporte teórico, foi possível evidenciar várias facetas do processo constante pelo qual passam estes indígenas na busca de fortalecimento de seus espaços de identidade cultural, sempre confrontados com as necessidades físicas de obtenção do sustento material da aldeia.

Palavras-chave: Indígena. Identidade. Cultura.

Abstract: The main objective of this research was to understand the reality of the indigenous village Tiaraju focusing on the process of building cultural identity through which pass the natives of the city of Joinville region, in Santa Catarina. Therefore a visit to the village was held, where, through the local cacique, it was possible to know aspects of your reality. Through the data obtained and the theoretical basis, it was possible to highlight various facets of the ongoing process by which pass these Indians in search of strengthening their cultural identity spaces, always faced with the physical needs of obtaining the village of material support.

Keywords: Indigenous. Identity. Culture.

Introdução

Segundo as classificações do Censo Demográfico – IBGE 2010 (IBGE, 2012), o Brasil possui aproximadamente 817 mil pessoas que se autodeclaram indígenas. No estado de Santa Catarina eles somam 16.041.

Ao longo da história do nosso país, a população indígena passa por processos de subordinações às constantes explorações das suas áreas de abrangência, sendo que “até meados da década de 1970, o desaparecimento dos povos indígenas demonstrava-se algo inevitável” (ORÇO; COSTA, 2014, p. 193).

Atualmente, percebe-se o ressurgimento das populações indígenas, daqueles que se autodeclaram indígenas, e a busca por fortalecimento de suas identidades. No entanto, é notável o desafio que estes grupos enfrentam com as perdas territoriais, devido ao avanço das cidades e das infraestruturas derivadas desses centros. Fato que, incondicionalmente as suas vontades, refiguram seus sistemas de autossustento, o que os torna a cada dia mais dependentes do sistema econômico operante nos grandes centros urbanos. As consequências desse encontro de culturas divergentes, indígena e cidadina, podem resultar em novos processos de percepção, tanto do indígena em relação a sua identidade cultural, quanto do “não indígena” em relação ao espaço desses grupos no contexto geral de nossa sociedade.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - no 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

A identidade cultural na Aldeia Tiaraju

O objetivo central desta pesquisa foi perceber a realidade da aldeia indígena Tiaraju, tendo como foco o processo de construção da identidade cultural pelo qual passam os indígenas de nossa região: município de Joinville, em Santa Catarina. Para tanto, realizamos uma visita ao local a fim de observarmos e coletarmos dados relevantes a nossa pesquisa. Não foi possível realizar registros visuais, sonoros e/ou audiovisuais, sendo possível somente a coleta de dados através de anotações em caderno de registro. Frente a esta situação, optamos também pela coleta de dados através de artigos de jornais, entendendo-os mais como uma fonte de interpretação de uma possível realidade, do que a retratação da realidade em si da aldeia. Além desses dados, recorremos à pesquisa bibliográfica, como aporte teórico capaz de sustentar a discussão proposta.

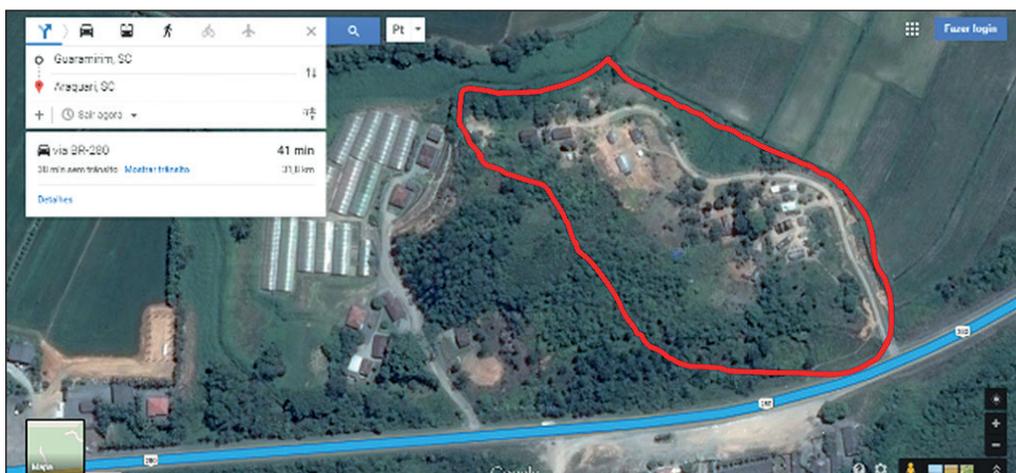
Para melhor compreensão da pesquisa realizada, apresentá-la-emos em dois momentos: 1º) uma breve contextualização da aldeia Tiaraju; 2º) um olhar sobre o indígena e a aldeia através dos processos de identidades culturais.

Conhecendo a Aldeia Tiaraju²

A Aldeia Tiaraju está localizada no município de Araquari, quase divisa com o município de Guaramirim. Encontra-se às margens da BR-280 a aproximadamente 20 quilômetros do município de Joinville, no nordeste do estado de Santa Catarina. Esta aldeia possui hoje 23 famílias, somando aproximadamente 112 indígenas residentes, de origem guarani.

De acordo com o Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI – FUNASA/MS, 20/04/2012), “a população atual de guaranis em Santa Catarina é aproximadamente de 1189 indivíduos, oriundos de uma população que no século XVII, acredita-se, atingiu mais de cem mil indivíduos” (SANTOS, 2007 apud ORÇO; COSTA, 2014, p. 203).

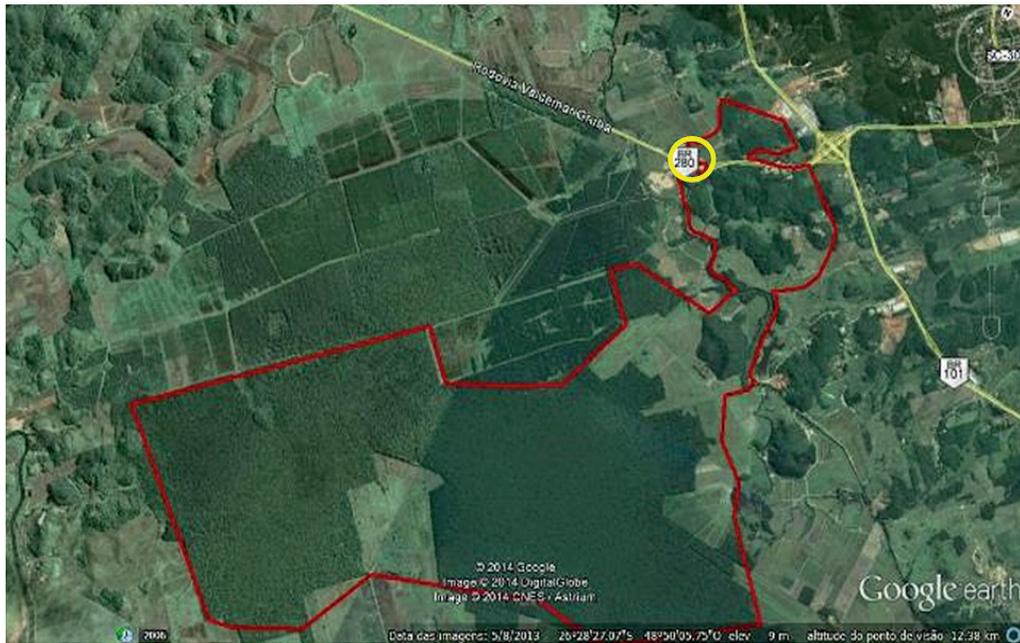
Figura 1. Mapa aéreo da Aldeia Tiaraju



Fonte: GoogleEarth. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/dir/Guaramirim,+Santa+Catarina/Araquari,+SC/@-26.4467528,-48.8239446,343m/data=!3m1!1e3!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x94deb75ec0acb03:0x8db052a546290ea5!2m2!1d-48.9404364!2d-26.4888039!1m5!1m1!1s0x94d9365b23d5f4ef:0x1fcb8b9a4c458568!2m2!1d-48.7188929!2d-26.3766458?hl=pt-BR>>. Acesso em: 4 maio 2015.

² Os dados aqui descritos foram coletados na visita à aldeia Tiaraju, em 20 de março de 2015. Não foi autorizado pelo cacique local, que nos atendeu e apresentou a aldeia, a gravação de áudio ou vídeo e o registro de imagens. Desta forma, os dados se baseiam em anotações realizadas durante e depois da visita.

Figura 2. Mapa aéreo da terra indígena Pirai e área da Aldeia Tiaraju



Fonte: GoogleEarth. Disponível em: <<http://www.questaoindigena.org/2014/10/proximo-domingo-familias-nao-indigenas.html>>. Acesso em: 4 maio 2015.

A pessoa responsável pela aldeia, no sentido de responder pela sua organização e administração, é o cacique Caraí Tucumbó, que atende também pelo nome de Ronaldo. De acordo com ele, todos os índios ao nascerem recebem um nome em guarani, que é escolhido e dado pelo pajé, porém todos assumem também um nome em português para facilitar a comunicação fora da aldeia. A aldeia realiza um ritual centenário dentro dos seus costumes, que é o batismo, entendido como uma das mais importantes práticas religiosas para os indígenas, onde os recentemente nascidos recebem seus nomes em guarani, que representam suas missões espirituais (KRAMA, 2012).

Hoje a aldeia possui poucas casas construídas de barro e taquara (pau-a-pique), o qual, segundo o cacique, é o método tradicional de construção das habitações. Foi possível o acesso somente à casa de reza, que segue este modelo tradicional. Esta construção é utilizada diariamente por toda a aldeia, nos finais das tardes, onde se reúnem para cantar e dançar, e em comemorações específicas, como a do batismo (citado acima).

Figura 3. Casa de reza



Fonte: Disponível em: <<http://nossapauta.blogspot.com.br/2011/05/alunosdejornalismoe-publicidadedo>>. Acesso em: 4 maio 2015.

As demais casas da aldeia a que tivemos acesso, restringindo-se a observação externa, são construídas com tijolos e telhas, utilizando-se da técnica de alvenaria, porém sem acabamento externo. Quanto a estas construções, o cacique não as distingue das casas de pau-a-pique quanto a sua função de abrigo e moradia. Apesar de preferir o método tradicional de construção, considera que a matéria-prima de que é feita a casa de alvenaria – tijolos e telhas – também é a terra, como nas casas de pau-a-pique.

O motivo para as poucas casas construídas de maneira tradicional é a falta de taquaras, madeira, cipó ou sisal, matéria-prima necessária para edificar a estrutura básica desse tipo de construção. Desta forma, é necessário que o material venha de outras aldeias, ou seja, recebido através de doações.

Algumas casas possuem televisão, equipadas com antenas parabólicas, e rádio. É comum acompanharem programas televisivos e escutarem músicas diversas.

Segundo o cacique, algumas casas de alvenaria foram construídas com materiais doados, assim como o quiosque construído no pátio da aldeia, que foi levantado por uma instituição religiosa. Referente às doações, ficou claro que a aldeia é muito procurada por diversas instituições e organizações, igrejas, jornais, universidades, escolas, cada um com um foco distinto. Frente a isso, o cacique se posiciona com certa desconfiança, explicando que na maioria das vezes a aldeia não recebe retornos referentes aos projetos desenvolvidos a partir das visitas. Acrescenta ainda, que precisam da ajuda das pessoas de fora da aldeia para desenvolver projetos que tragam visibilidade para aldeia, principalmente os que proporcionem retorno financeiro.

Ressalta ele, que estão desenvolvendo junto a outras aldeias um livro contando a história dos índios guaranis, escrito por eles mesmos, inclusive na língua guarani com tradução para o português.

Durante a visita na aldeia não se ouviu nenhum outro índio, além do cacique, falar a língua portuguesa. Todos, jovens, mulheres, crianças, falavam guarani. Não sendo nenhuma novidade, se vestem com roupas normais, muito simples, pois são roupas recebidas em doações. Alguns rapazes usavam cortes de cabelo e tintura característicos de alguns grupos urbanos. Algumas crianças possuíam mochilas escolares.

Alguns jovens trabalhavam na terra, roçando, e o cacique Carai Tucumbó esculpia um pequeno animal em madeira, sendo estas atividades destinadas principalmente aos homens, enquanto as mulheres se deslocam até Jaraguá do Sul, a cidade mais próxima, para vender o artesanato produzido na aldeia. Alguns homens adultos trabalham em atividades fora da aldeia. Enquanto isso as crianças em idade escolar vão à escola e as menores acompanham as mães.

A área total da aldeia é pequena para produção de alimentação suficiente para todos através do plantio, sendo que sobrevivem basicamente da venda do artesanato e de doações. O plantio feito na aldeia se limita ao milho, batata doce, mandioca. Possuem algumas árvores frutíferas e criam alguns animais como galinhas e patos.

Figura 4. Artesanatos produzidos na aldeia



Fonte: Disponível em: <<http://nossapauta.blogspot.com.br/2011/05/alunosdejornalismoepublicidadedo>>. Acessado em: 4 maio 2015.

A aldeia possui uma escola, a Escola Estadual Indígena Cacique Wera Pukú, que atende crianças do 1º ao 5º ano, que tem aulas com professores indígenas e não indígenas. A escola é constituída por uma construção que abriga uma sala de aula e dois banheiros, e por um parquinho de madeira. A sala de aula é tradicional, com quadro-negro e carteiras e uma mesa onde é servida a merenda. Dentro da sala ficam também a geladeira e mantimentos da merenda, assim como os computadores e materiais diversos utilizados em sala.

Figura 5. Escola Estadual Indígena Cacique Wera Pukú



Fonte: Disponível em: <<http://ndonline.com.br/joinville/noticias/27272aldeiadearaquarinaocomemoraodiadoindiosemantemcomartesanatoeapostanaeducacao>>. Acesso em: 4 maio 2015.

Em relação à escola, o cacique apresentou descontentamento frente ao fato de que a sala de aula compartilha o espaço de aprendizagem, de alimentação e de informática, salientando que a escola deveria ter o mesmo padrão das escolas das cidades, com espaços distintos para cada atividade.

Após a conclusão do 5º ano, muitos jovens procuram escolas nas cidades, mas por motivo de preconceito e de adaptação, optam por ficarem na aldeia cumprindo atividades locais. Casos de não adaptação e preconceito também os distanciam de trabalhos fora da aldeia.

Foi possível coletar alguns dados sobre a aldeia em jornais da região, considerados relevantes para a pesquisa. No jornal Notícias do Dia Online, publicado em 19/04/2012, segue:

Segundo o cacique da aldeia Tiaraju, Ronaldo Costa, esta data [dia do índio] não foi inventada pelo povo indígena, portanto, não costuma ser comemorada. Data celebrada pela comunidade é a colheita de erva mate, que não se planta mais nesta região. “Vêm índios de outras aldeias e a gente faz o batismo da erva. São dois dias de festa”. (MORAES, 2012).

Com relação à vida na aldeia, no jornal A Notícia, encontramos a seguinte informação:

Marta Brizola, 49 anos, é a mais velha do grupo e também tem o nome de Tará, recebido no batismo guarani. Viúva de pajé, ela é a pessoa que mais sabe sobre ervas e é considerada a parteira da região. Mesmo em outras aldeias, é chamada para trazer mais uma criança ao mundo. A última foi Jenifer, de dez dias, filha de Cecília, professora indígena e neta de Marta. A professora optou pelo parto na aldeia para seguir uma tradição. Ela, assim como outras mulheres, vê no parto em casa, feito pela mais velha do grupo, uma forma de manter viva a cultura indígena (KRAMA, 2012).

Referente à história da aldeia, não foi possível coletar nenhum dado mais significativo sobre a ocupação da área onde se estabelecem hoje. O único dado revelado foi que chegaram à localidade há aproximadamente 80 anos. Segundo o cacique, para entendermos o processo de estabelecimento da aldeia nesta área, teríamos que entender também toda a história de deslocamentos do povo guarani, de como eles compreendem a terra e qual sua relação com ela e com a natureza, o que demandaria maior disponibilidade de tempo e outros momentos de conversa.

Desta forma, perante o curto tempo da pesquisa, estabelecemos os dados coletados como principais referenciais a serem analisados.

Construção da identidade cultural na Aldeia Tiaraju

É muito comum, quando pensamos nos índios ou nas aldeias indígenas, imaginarmos suas vestimentas de penas, ocas³, arco e flechas, entre outras tantas características tão salientadas desses povos que, até algumas décadas atrás, acreditava-se estarem praticamente extintos. A ideia que perdurou durante muitas décadas sobre os indígenas, foi aquela em que eles se encontravam isolados em suas aldeias no meio da floresta, quase inacessíveis, com os quais não teríamos contato. Quase seres imaginários.

A realidade com a qual nos deparamos hoje se difere bastante dessa ideia. A presença das mulheres e crianças indígenas nas calçadas das cidades, vendendo seus artesanatos, não gera espanto aos cidadãos, e sim, é algo comum, que está embutido na realidade diária da cidade.

Não gera espanto também pensar que, a partir do momento em que o indígena se reorganiza frente à perda de território, tanto físico como cultural, ele se reinscreve e passa a pertencer ao contexto geral de uma sociedade a partir de outro lugar de atuação. Segundo Clarice Cohn (2001, p. 37), “as culturas indígenas não se perdem e [...] as sociedades indígenas atuam sempre na reconstituição de uma identidade diferenciada”.

Em muitos aspectos, é perceptível o processo de adaptação dos indígenas da aldeia Tiaraju a padrões estéticos e técnicos da sociedade capitalista mercadológica, onde as casas passam a ser construídas com materiais fabricados – tijolos, telhas, argamassa – e as vestimentas são as mesmas dos habitantes das cidades.

Carneiro da Cunha (1986 apud COHN, 2001, p. 37) diz que “o que define uma cultura não é necessariamente aquilo que a compõe, mas sim aquilo que a difere, aquilo que estabelece as fronteiras entre uma e outra”. Sendo assim, analisando os grupos indígenas compreendemos que os aspectos de suas culturas que os diferenciam são muito mais amplos do que os aspectos que os aproximam e mesclam a uma cultura imposta e dominante. A comunicação interna da aldeia, através da língua guarani, as reuniões diárias na casa de reza, onde ritualizam seu cotidiano através de seus métodos particulares, indicam que há muito mais do indígena naquele espaço (aldeia), do que de um “outro”⁴ externo.

Logo, se torna claro que a perda de espaço territorial os afunila, ocasionando muito mais uma perda material de identidade do que “essencial”⁵. Na reportagem do jornal A Notícia (KRAMA, 2012), onde se destaca a prioridade pelo parto realizado na aldeia, assim como no ritual de batismo, onde se recebe o nome indígena cheio de significados essencialmente particulares, é perceptível que se mantém, e se deseja manter, as características particulares de sua cultura.

Mesmo a flexibilidade dos mais jovens a aceitar aspectos da cultura externa dos centros urbanos, como os cortes de cabelos segundo as tendências expostas pelas mídias (lembrando que algumas casas possuem televisão e rádio, e que eles consomem as programações ali dis-

³ *Sf* (*tupy óka*) Moradia de indígenas e caboclos; choça. (MICHELIS, 2000, p. 1477).

⁴ Entende-se aqui “outro” no sentido do diferente, do diverso a mim e aos meus, que não participa do meu espaço de individualidade. “Que não é o mesmo; diferente, diverso”. (MICHELIS, 2000, p. 1518).

⁵ “Es.sen.ci.al *adj* *m+f* (*lat essentielle*) 1 Relativo à essência; que constitui a essência”. (MICHELIS, 2000, p. 884). “Es.sên.cia *sf* (*lat essentia*) 1 Natureza íntima das coisas; aquilo que faz que uma coisa seja o que é, ou lhe dá a aparência dominante; aquilo que constitui a natureza de um objeto. 2 Existência naquilo que ela tem de mais constitucional. 3 Significado especial”. (MICHELIS, 2000, p. 884).

poníveis), a dificuldade de adaptação e o preconceito conferido pelo “outro”, os mantém mais íntegros as suas individualidades culturais.

Entende-se que o grande impasse se encontra no processo de subsistência da aldeia, sendo que sua área física é insuficiente para manter as práticas que em determinado momento lhe conferiam o sustento, sem necessitar de subsídios externos, advindos das culturas urbanas. A necessidade de alimentos e outros recursos advindos de fora da aldeia é o que os coloca a recriarem seus mecanismos de subsistência.

O ser humano segundo Geertz (2008), é um ser social, fruto do meio. Tem capacidade de se relacionar através das características de linguagens, crenças e valores. Este processo de transformação é natural, pois as gerações se adaptam ao meio onde reproduzem as práticas sociais.

É neste sentido que o artesanato passa a ser o recurso financeiro da aldeia. Itens que antes eram produzidos com finalidades utilitárias ou rituais, ou mesmo para outros fins de caça, plantio, de lazer e ornamento, hoje possuem seu maior valor como um objeto a ser comercializado. Desta forma, assumem um novo papel no sistema de valores da aldeia. Podemos tomar como exemplo a substituição dos itens utilitários produzidos na aldeia, por itens utilitários advindos dos centros urbanos⁶, concluindo que o movimento de deslocamento aos centros urbanos e a estada nestes locais proporciona ao olhar novas concepções de pertença, onde o indígena traz para sua realidade, tempos antes restrita ao espaço da aldeia, uma nova realidade inundada de novos valores e significâncias.

O contato frequente com a cultura urbana permite que o indígena absorva aquilo que lhe é significativo ou que simplesmente lhe desperte o interesse, fazendo com que esse “recorte” de uma cultura externa se introduza na identidade cultural da aldeia. Ao mesmo tempo, a presença do indígena no ambiente urbano, desperta o olhar do cidadão para este “outro”, que também está fora da realidade urbana pela sua identidade cultural muito particular, mas que se coloca dentro dela pela sua necessidade de sobrevivência.

Mais de uma vez foi mencionado pelo cacique a necessidade de ajuda externa para realização de projetos que venham a ajudá-los na fortificação de sua cultura, e que ao mesmo tempo trouxesse subsídios financeiros. O impasse da aldeia é como conseguir se sustentar dentro de um sistema social mercadológico mantendo sua identidade. E uma das possibilidades que encontraram, e talvez a mais viável, foi de doar sua cultura como um produto comercializável.

Neste contexto, podemos compreender o que Bartolomé (2006 apud ORÇO; COSTA, 2014) define através do conceito de etnogênese, como algo que busca abranger o “processo histórico de configuração das coletividades étnicas”, entendendo que suas raízes advêm de um passado longínquo e estendem-se até o presente, sendo que a partir de alguns marcos constitucionais é possível o movimento dessas coletividades em direção à retomada de seus espaços frente aos processos de subordinação.

Assim, os indígenas recriam suas estruturas de subsistência e tornam-se muito mais dependentes de uma estrutura externa a da aldeia. Tornam-se dependentes de um sistema de comércio, que dominam de maneira muito precária, e de um sistema assistencial, governamental e não governamental (ONGs, instituições religiosas, até pessoas físicas).

Através do movimento de retomada de um espaço de identidade, o indígena se percebe participante de uma sociedade a que antes se sentia totalmente excluído. Neste contexto, observa-se a escola indígena como um elo entre a então comunidade (aldeia) indígena excluída e a sociedade urbana (mercadológica capitalista) excludente. Entende-se aqui, que a escola indíge-

⁶ Entendemos aqui itens utilitários por materiais utilizados nas cozinhas, na limpeza pessoal ou mesmo os brinquedos infantis.

na assume o papel de ponte, onde é possível transitar de uma esfera para outra (da indígena para não indígena e vice-versa) encurtando caminhos que antes se mostravam tão extensos.

Quando o cacique Carai Tucumbó reivindica melhorias na Escola Estadual Indígena Cacique Wera Pukú, ele se posiciona como um indivíduo participante dessa sociedade que quase o extinguiu, mas que agora abre caminhos para que ele requeira os mesmos direitos outorgados a qualquer outro indivíduo.

Os efeitos dessa vivência cotidiana, onde as crianças vão à escola diariamente, onde se consomem alimentos industrializados, onde se acessa o computador, traz como resultado mudanças em suas culturas particulares (CHAUI, 1999). Porém, quando se destaca o desejo de exteriorizar através de uma publicação, o livro, a sua história indígena, com seus traços particulares, as lendas, ritos, símbolos, é nítida a necessidade de preservação da identidade da aldeia. Segundo Reinaldo Dias (2010, p. 69),

Uma das mudanças mais significativas que está acontecendo no mundo hoje é o crescimento da presença de culturas que antes se encontravam diluídas nos espaços culturais construídos pela constituição dos Estados-Nação ao longo dos últimos 200 anos e que voltam a manifestar-se buscando reconstruir uma identidade no espaço global em que sejam respeitadas sua presença e sua diferença em relação às demais culturas.

De acordo com esta afirmação, percebe-se ao observar a Aldeia Tiaraju que os seus indígenas vivem um processo de reconstrução de um local de pertença, onde se sintam participantes e possuidores de direitos de cidadãos numa sociedade muito mais ampla e complexa da sua e, ao mesmo tempo, consigam manter suas identidades individuais, sua cultura particular.

Considerações finais

Através desta breve pesquisa foi possível compreender alguns aspectos do processo da identidade cultural da Aldeia Tiaraju. Apesar de brevemente expostos através de uma discussão rasa, todos eles carregam a possibilidade de se estenderem a muitas outras discussões de extrema importância, no que tange aos processos de constante reelaboração de suas identidades culturais e da busca permanente por seus espaços de identidade dentro da cultura capitalista de mercado que o cerca.

A questão da comercialização do artesanato e as mudanças de valores internos da aldeia em relação as suas utilidades; a questão do espaço limitado e da estrutura da aldeia, que podem influenciar discussões futuras acerca da qualidade de vida da aldeia num comparativo com outros grupos populacionais que também sofreram processos de exclusão; a questão do preconceito como meio de conservação dos indígenas na aldeia, porém como um obstrutor no processo de emancipação do indígena como uma cultura identitária; a questão da escola indígena como uma ferramenta de autoafirmação e um espaço de questionamento para soluções aos atuais problemas pelos quais passam as aldeias. Todas estas questões se abrem através dessa pesquisa.

Quando nos colocamos como observadores da realidade dos indígenas, estamos dando valor para aqueles aspectos que ressaltam como relevantes aos nossos olhos, enquanto acadêmicos e pesquisadores, ou como transeuntes nas calçadas onde as mulheres indígenas expõem seus artesanatos. Porém, acredita-se que para identificarmos a real identidade do indígena, devemos buscar olhar o mundo através dos seus olhos. É preciso olhar através de suas concepções em relação ao que consideram a sua identidade, através de seus mecanismos de construção de sua cultura, para então compreendermos quais suas reais necessidades e desejos em relação à conquista de seus espaços de identidade.

Referências

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

COHN, Clarice. Culturas em transformação: os índios e a civilização. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, abr./jun., 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000200006>>. Acesso em: 12 maio 2015.

CARNEIRO DA CUNHA, M. Etnicidade: da cultura residual, mas irreduzível. Antropologia do Brasil. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1986. In: COHN, Clarice. Culturas em transformação: os índios e a civilização. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, abr./jun. 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000200006>>. Acesso em: 12 maio 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça**. Rio de Janeiro: Diretoria de Estatística, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf>. Acessado em: 28 fev. 2015.

KLAUS, James. Aldeia Tiaraju Araquari-SC. **Nossa Pauta**. Disponível em: <<http://nossapauta.blogspot.com.br/2011/05/alunosdejornalismoepublicidadedo>>. Acesso em: 4 maio 2015.

KRAMA, Gisele. Índios tentam preservar tradições na Aldeia Guarani Tiaraju no Norte de SC. **A Notícia**. Joinville. 19 abr. 2012. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2012/04/indiositentampreservartradicoesnaaldeiaguaranitiarajunonortedesc3732035>>. Acesso em: 4 maio 2015.

MORAES, Luciano. Aldeia de Araquari não comemora o Dia do Índio, se mantém com artesanato e aposta na educação. **Notícias do Dia Online**. Joinville. 19 abr. 2012. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/joinville/noticias/27272aldeiadearaquarinaocomemoraodiadoindiose-mantemcomartesanatoeapostanaeducacao>>. Acesso em: 4 maio 2015.

MICHELIS 2000: moderno dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Reader's Digest; São Paulo: Melhoramentos, 2000. 2 v.

ORÇO, Cláudio Luiz; COSTA, Miguel Ângelo Silva. (Re)emergência étnica, identidades indígenas e educação escolar diferenciada no Brasil Meridional: uma abordagem a partir do estado de Santa Catarina. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, Unesp, v. 10, n. 2, p. 192-217, julho-dezembro 2014. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/459>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

DIAS, Reinaldo. **Fundamentos da sociologia geral**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2010.

SANTOS, Silvio Coelho dos. Ensaio oportuno. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras e Nova Letra, 2007. In: ORÇO, Cláudio Luiz; COSTA, Miguel Ângelo Silva. (Re)emergência étnica, identidades indígenas e educação escolar diferenciada no Brasil Meridional: uma abordagem a partir do estado de Santa Catarina. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, Unesp, v. 10, n. 2, p. 192-217, julho-dezembro 2014. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/459>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.
